



Guia para os clássicos *Moby Dick*

SASCHA MORRELL

Guide to the Classics:
Moby Dick (2018)

Tradução: Ana Luíza Oliveira

Edição bilingue: POR/ENG
Distribuição gratuita

mojo.org.br

Guia para os clássicos: Moby-Dick

Sascha Morrell

Edição bilíngue

mojo^{org}



CONHECER UM MUNDO EXTRAORDINÁRIO
NA VIDA É DIREITO DE TODOS.

LUTAMOS PELO DIREITO E ACESSO
IRRESTRITO AOS BENS DO DOMÍNIO
PÚBLICO.

Este livro é o resultado de muitas horas de trabalho dos colaboradores e voluntários do Instituto Mojo de Comunicação Intercultural e seus parceiros. O objetivo deste projeto é traduzir e editar obras extraordinárias do mundo todo — que muitos também chamam de “clássicos” — e outras, que nos ajudem a entendê-las melhor — artigos, ensaios acadêmicos, teses etc. Nossas edições digitais são bilíngues e gratuitas e podem ser encontradas no site mojo.org.br, livres para serem compartilhadas.

Que você faça o bem e não o mal.

Que você seja perdoado e que perdoe aos outros.

Que você compartilhe livremente, nunca tomando mais do que está dando.

As obras em Domínio Público, embora sejam de livre acesso, precisam ser adaptadas para outros idiomas. Peter Pan fala inglês, Pinocchio fala italiano, *20 mil léguas submarinas* está em francês. São obras que nos ensinam a entender o ser humano, seu caráter, suas falhas e nos dão um repertório enfrentar adversidades. Não existem melhores motivos para empregar esforços e torná-las livres da barreira da língua. A democratização do Domínio Público é um dever de todos os cidadãos, instituições e governos — no mundo todo.

domínio
ao público



www.mojo.org.br

Guia para os clássicos: Moby-Dick

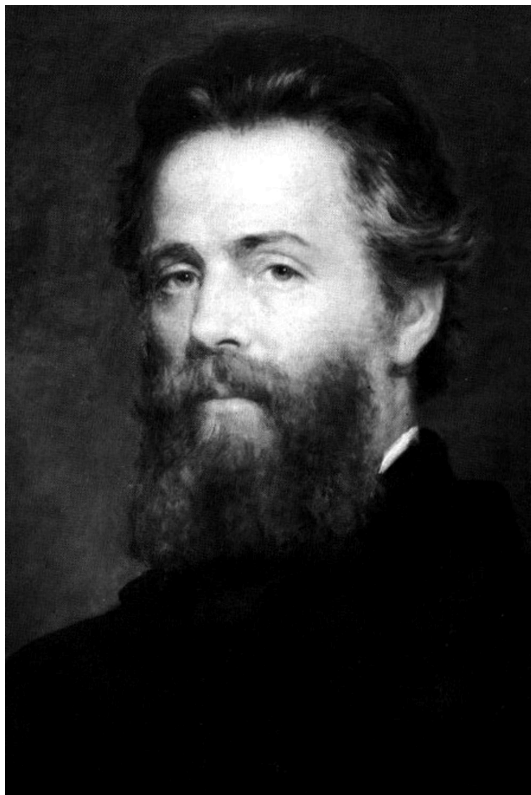
Sascha Morrell

Tradução de
Ana Luíza Oliveira

Comece a ler *Moby-Dick* (1851) de Herman Melville esperando a história de um capitão louco de uma perna de só que persegue uma baleia branca, e você terá mais do que esperava. Mas o romance se apresenta como uma jornada de caça às baleias e se expande daí para abarcar o todo da existência. Seu narrador, Ishmael, admite estar em estado de arrebatamento:

Amigos, segurem meus braços! Pois fico esgotado e quase desfaleço no simples ato de escrever meus pensamentos sobre este Leviatã, com tamanha amplitude que alcança, como se para incluir todo o círculo das ciências, e todas as gerações de baleias, de homens, e de mastodontes, passadas, presentes e que virão, com todos panoramas em revolução do império terrestre, e através de todo o universo, sem excluir seus subúrbios.

Para Ishmael, tudo está conectado e “não há como se estar em um só lugar, pois tudo deve ser feito ao mesmo tempo em todo lugar”



Herman Melville. Por Joseph O. Eaton e um gravador desconhecido – Biblioteca do Congresso. Wikimedia Commons.

O progresso sobre “o que pode ser a narrativa deste livro” é constantemente impedido pela necessidade de Ishmael de considerar seus pontos de todos os ângulos, referindo-se aos pontos de vista de diferentes personagens, bem como as perspectivas de outras culturas e ramificações de educação,

juntamente com paralelos históricos e míticos, detalhes técnicos, práticas do local de trabalho e questões filosóficas que estes criam.

Mesmo em meio à caçada final que leva o romance a um final de eletrizante, Ishmael não resiste em inserir uma nota de rodapé para explanar seu uso do termo “emborcar”.

O resultado é um texto radicalmente descontinuado que insiste em sua própria incompletude como “o rascunho de um rascunho”. Em *The Modern Epic* [O épico moderno, 1996] , o grande estudioso literário Franco Moretti argumenta que romances como *Moby-Dick*, de Herman Melville, e *Ulysses* (*Ulisses*), de James Joyce, se tornaram:

Textos sagrados que o ocidente moderno sujeitou a um logo escrutínio, procurando neles por seu próprio segredo.

Mas enquanto o clássico épico representa o mundo como uma totalidade unificada e coerente, o mundo moderno só pode sonhar em se expressar através de fragmentações, diálogos, digressões e colagens.

A explosão de convenções narrativas de *Moby-Dick* era tão revolucionária em seu tempo que deixou os contemporâneos de Melville perplexos e passou rapidamente para a obscuridade.

O maravilhado Evert Duykinck, mentor de Melville, disse: “Há evidentemente dois, senão três livros em *Moby-Dick*, condensados em um só”. Os leitores queriam mais do que a aventura relativamente direta que Melville entregara em seus romances

anteriores Typee (*Typee: um olhar sobre a vida na Polinésia*, 1846) e Omoo (*Omoo: uma narrativa de aventuras nos mares do sul*, 1847).

E, à primeira vista, *Moby-Dick* parece oferecer exatamente isso.

Embora o romance se inicie com a saudação “me chame de Ishmael”, que sugere uma identidade suposta ou mesmo arbitrária, Ishmael inicialmente se apresenta quase como um protagonista em primeira pessoa, contando como fez sua mala e “rumou para o Cabo Horn e o Pacífico”.

Contudo, através do improvável laço formado com um ilhéu do pacífico, Queequeg, Ishmael é liberto das amarras de sua perspectiva individual, e seus preconceitos raciais e culturais.

Ele escapa da prisão da interioridade, “fundindo-se” a Queequeg através de um “casamento” inter-racial, de mesmo sexo, que estabelece o precedente para a dissolução mais radical da personalidade de Ishmael, quando ele se junta à tripulação de Pequod.

Quando o baleeiro inicia sua jornada, Ishmael tende a recuar de sua própria narrativa, negando-se a detalhar sua própria participação nos eventos, ao passo em que parece ganhar acesso a uma variedade de pontos de vista excedem aos seus, incluindo os solilóquios particulares de Capitão Ahab.



QUEEQUEG AND HIS HARPOON.

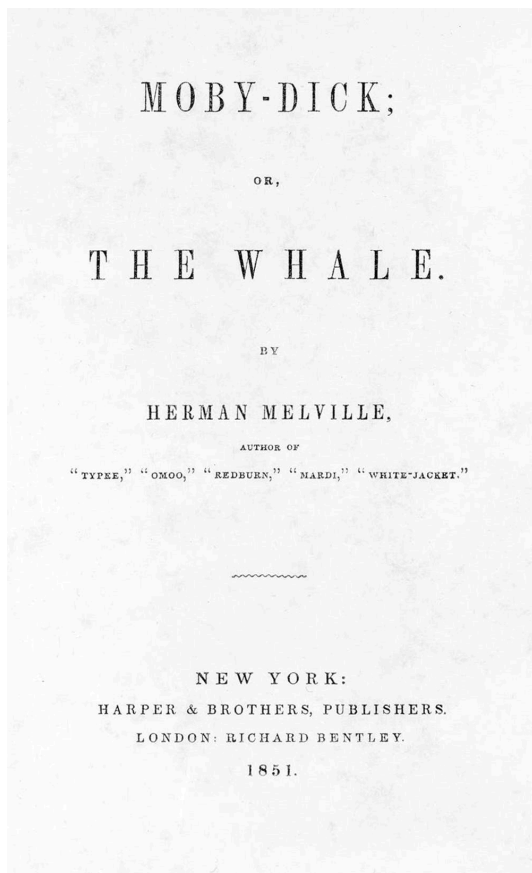
Ilustração de Queequeg e seu arpão. IW Taber – Moby-Dick – edição: Charles Scribner's Sons, Nova Iorque, 1902. Wikimedia Commons

Ishmael se torna mais como um condutor — do que um personagem — para outras vozes e perspectivas. Este é ou um

experimento ousado de narração onisciente em primeira pessoa, ou um sinal de que Ishmael não merece a mínima confiança.

Outras vozes comandam capítulos inteiros, especialmente aquele em que Ahab esmurra as tábuas do navio como um Rei Lear ou Ricardo III em um palco elisabetano. Como “alguém em um censo de uma nação inteira [...] planejada para tragédias nobres”, Ahab exerce uma forte pressão na narrativa, mas Ishmael está ávido por celebrar a “dignidade democrática” da tripulação multiétnica de Pequod, formada por “mestiços e canibais renegados e rejeitados”.

O diálogo dramático de “Meia-Noite — Castelo de proa” (capítulo 40) dá espaço às vozes de diferentes tripulantes, sozinhos e em coro, construídas somente por ínfimas “direções de palco”. Geralmente, Ishmael se recusa a distinguir a si mesmo do coletivo, ele é tão somente “um dos tripulantes” cujos “gritos ficam [mais] altos com o resto”.



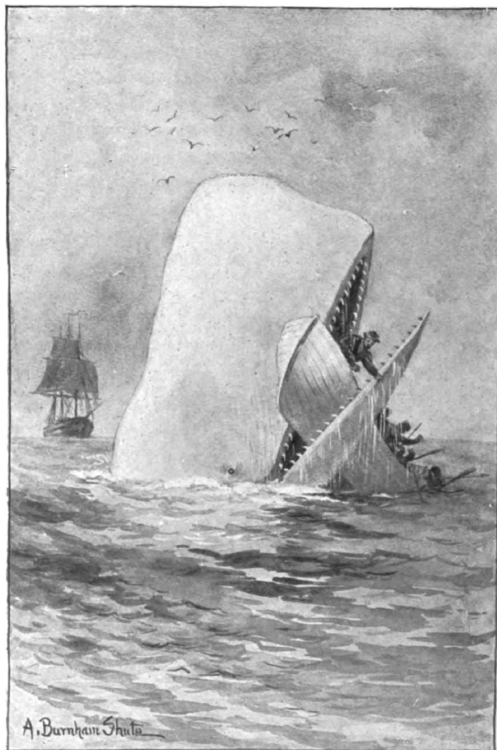
Página título da primeira edição de Moby-Dick, 1851.Fonte: Biblioteca Beineck, Universidade de Yale. Wikimedia Commons

Ele também é democrático em seu nivelamento de todas as culturas, creditando a tradição hindu de Vishnu “dez encarnações terrenas”, consultando as visões “dos turcos altamente iluminados”

juntamente a autoridades ocidentais, e começando sua história da vila de Nantucket não com fontes europeias, mas ameríndias.

Contudo, há limites para a inclusividade do romance; as mulheres estão quase completamente ausentes. Dois personagens femininos bem secundários aparecem brevemente: uma senhoria que faz sopa de mariscos, e Charity, a irmã puritana de um dos proprietários do navio.

Por outro lado, o romance faz numerosos apelos às forças maternas na natureza. Ele também quebra as normas e limites de gênero desde a rendição de Ishmael ao “abraço de noivado” de Queequeg, até Ahab se gabando de sua “personalidade majestosa” e a ambígua associação ente “leite e esperma” (a espécie de baleia cachalote é chamada de *sperm whale* em inglês, ou *baleia-espermacete*, referindo-se à substância gordurosa em suas cabeças da qual se extrai óleos. *Sperm* também é a palavra inglesa para esperma) no capítulo eroticamente infame *Um aperto de mão*.



"Both jaws, like enormous shears, bit the craft completely in twain."

—Page 510.

Ilustração de uma antiga edição de Moby-Dick. A. Burnham Shute - Moby-Dick edição - C. H. Simonds Co. 1892. Wikimedia Commons

Embora recuando como personagem, a voz de Ishmael permanece distinta em passagens meditativas e em suas inquiuições estendidas no conhecimento da ciência envolvida na caça às baleias. Em uma série de capítulos parodicamente enciclopédicos, que

coincidem com o corte de uma baleia feito pela tripulação, Ishmael descreve de maneira detalhada o destrinchamento de uma baleia, que não apenas separa “a pele da criatura”, mas também “a pele da pele”.

Isto oferece material para questionamentos em disciplinas tão diversas como astronomia, lexicografia, economia e jurisprudência. Embora aparente certa frieza, a energia intelectual de Ishmael é tão contagiante que capítulos contendo títulos tão decepcionantes como *O Cobertor, cisternas e baldes e sobre as imagens menos enganosas de baleias, e imagens reais de cenas de caça às baleias*, podem ser alguns dos mais envolventes do romance.

Ao mesmo tempo, Ishmael menospreza a autoridade científica ao privilegiar formas de conhecimento obtidas através da experiência empírica:

Antes de entrar no assunto Fósseis de baleias, apresento minhas credenciais como geólogo, afirmando que em meus diversos tempos fui um pedreiro, e também um grande escavador de valas, canais e poços, adegas, despensas, e cisternas de todos os tipos...

Insatisfeito em simplesmente dar as dimensões comparativas das cabeças de cachalotes e baleias-francas, ele nos convida a conhecer seus habitats; ver e tocar suas superfícies. Incidentalmente, a experiência de vida de Melville foi tão diversa quanto a de Ishmael; aspectos de sua extraordinária biografia foram reimaginados no filme de Ron Howard, *In the Heart of the Sea (No coração do mar, 2015)*.

Declarando que “há estética em todas as coisas”, Ishmael exige que o leitor tenha interesse em tais assuntos como ferramentas de trabalho e seus usos, dedicando-lhes capítulos inteiros. Com sensacional fanfarronice, ele continuamente enaltece o heroísmo de seu tópico profissional aparentemente mundano (a “pesca de baleias”) e se utiliza de uma elevada linguagem épica — como quando ele propõe “cantar” o “procedimento romântico de decantar o óleo nos barris”.

UMA NARRATIVA GLOBAL

Nada disso quer dizer que o romance careça de circunstância narrativa. Há feitos de destreza sobre-humana; há um encontro com uma lula gigante; há um tufão que produz terrores pirotécnicos.

Sobra ação em ritmo acelerado na caça e captura — ou fuga — às outras baleias, sempre com grandes riscos (um dos tripulantes, o arpoador nativo estadunidense Tashtego, quase se afoga dentro da cabeça de um cachalote).

Há a tensão entre Ahab e seu imediato Starbuck, que chega perto de matar seu capitão, e o espetáculo de Ahab que atordoia a tripulação com sua demagogia.

Há encontros com outros navios, incluindo uma competição emocionante com um navio alemão, e uma história dentro da história sobre um motim a bordo de outro baleeiro estadunidense, o Town-Ho. E, não podemos nos esquecer, é uma jornada ao redor do mundo.

Como nova-iorquino nativo, Melville inicia sua história “na ilha de manhattanenses” e então leva seus leitores a um “tortuoso círculo mundial em ziguezague” pelos oceanos Atlântico e Índico através de Sumatra e o Estreito de Sunda, os mares de Java e da China, por águas japonesas até a fatal conclusão em próximo à Linha do Equador, no Pacífico Sul.

A Austrália ganha a menção de “a grande América ou o outro lado da esfera” e Sydney de “a origem dos marinheiros mais traiçoeiros do mundo” (o próprio Melville esteve no baleeiro de Sydney, o *Lucy-Ann*, em 1842). A jornada também entrega uma alegoria política, pois inúmeras insinuações indicam Pequod como um “Navio do Estado”, com analogias recorrentes entre a jornada de caça às baleias e a expansão imperial dos Estados Unidos, e várias alusões ao conflito de classes e à escravidão (especialmente quando Ahab cria um laço com o menino negro do navio, Pip).

O livro transmite a energia selvagem da vida de caça às baleias. Um profissional baleeiro tem “o sono embalado pelas ondas [...] enquanto sob o seu travesseiro correm manadas de morsas e baleias”. Ele passa tanto tempo no mar que a terra começa a cheirar “(mais) estranha do que a lua cheiraria para um terráqueo”.

FÍSICO E METAFÍSICO

Melville é excelente em descrição física, e conhece os prazeres corporais de tais palavras como “introduzir” e “chupar”. Ele pode nos elevar a alturas vertiginosas quando Ishmael e Ahab revolvem os mistérios da existência, depois os lançam de volta à terra com humor obsceno, como no capítulo 95, quando um dos tripulantes usa a pele do enorme pênis de uma baleia (também conhecido como “O Grandioso”) como proteção.

Metáforas e comparações extraordinárias acabam com a distância entre reinos díspares, como quando Ishmael espia dentro da cabeça de um cachalote para encontrar:

uma linda boca de aparência casta! Do piso ao teto, alinhada, ou melhor, embrulhada com uma reluzente membrana, brilhante como cetim de noiva.

Como os poetas metafísicos, Ishmael funde o abstrato e o mecânico: “o navio era tão pesado quanto um estudante faminto somente com Aristóteles em sua mente”, lemos no capítulo 10.

VIOLÊNCIA VÍVIDA

Esteja preparado para violência contra a natureza. Ao passo em que Melville se baseia em sua própria experiência em caça às baleias, animais sofreram maus-tratos na elaboração deste livro. No entanto, embora Ishmael dificilmente queira “salvar as baleias”, ele pode ser sensível aos direitos dos animais, argumentando que “o primeiro homem que matou um boi” merecia ser “julgado por uma boiada” e que um canibal não é pior que o “civilizado” apreciador de culinária que tortura gansos pelo seu *foie-gras*.

Ele entra em perspectivas não humanas, imaginando “quão terríveis para a baleia ferida” os barcos que a cercam devem ser, embora a vítima “não tenha voz” em sua “agonia de pavor”.



Uma das pinturas mais antigas conhecidas sobre caça às baleias, por Bonaventura Peeters, no Museu dos Navegantes (The Mariners' Museum). 1645. Wikimedia Commons

As baleias neste romance são silenciosas: Melville não sabia sobre a canção das baleias, e de todo modo, Cachalotes não cantam, embora a música da prosa transmita uma sensação de incrível vitalidade.

A impotência humana contra a força e o poder destrutivos do oceano é também um tema constante, e Ishmael apresenta “pontos de vista arqueológicos, fossilíferos, e antediluvianos” que desafiam o próprio antropocentrismo (apropriadamente, um fóssil de baleia recém-descoberto foi chamado de *albicetus*, que significa “baleia branca”, em homenagem a *Moby-Dick*).

Ele até mesmo reflete sobre a mudança climática, ganhando “vislumbres turvos e trêmulos dessas eternidades polares; quando baluartes fendidos de gelo estavam firmemente fincados no que hoje são os trópicos” ao contemplar os ossos de uma baleia.

TUDO SOBRE AHAB

Enquanto os hábitos digressivos de Ishmael ameaçam descarrilhar a narrativa, “a dedicação firme, corajosa e ousada” de Ahab sempre colocam as coisas de volta nos trilhos. O desejo de Ahab por vingança se origina de um encontro anterior com a baleia branca, no qual ele perdeu sua perna.

Ele depositou sobre a corcova branca da baleia a soma de toda e qualquer raiva e ódio de toda sua raça, de Adão em diante; e então, como se seu peito tivesse sido cimentado, ele estourou a casca que envolvia seu coração pulsante.”

O próprio Ahab admite a insanidade da caçada:

Todos os meus meios são lúcidos, meu motivo e meu objetivo são insanos.

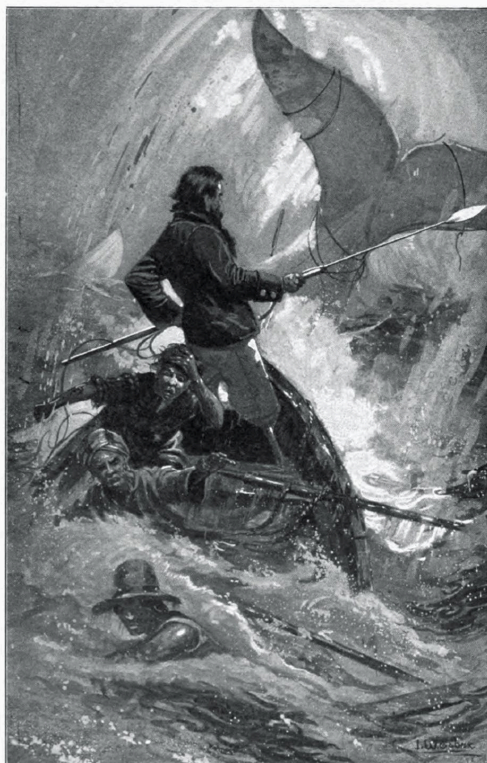
Sem se importar com as vidas de sua tripulação, Ahab é, ao mesmo tempo, um “rei do mar” arcaico obstinado em sua “vingança sobrenatural”, e um empresário moderno cuja alma corre em “trilhos de ferro” e que vê seus homens apenas como “peças” nas “engrenagens de seu propósito”.

Quando surgem obstáculos, ele é o mestre de insultos e palavrões, criando joias como: “que o vômito negro te açoite!”, mas sua maior acrimônia é reservada para a própria baleia branca:

Até o fim luto contigo, do coração do inferno te apunhalo. Por ódio cuspo meu último suspiro em ti.

VISÃO DE ISHMAEL

E quanto a Ishmael? Para ele, o horror da baleia está em sua brancura. Em *A brancura da baleia* (capítulo 42), Ishmael oferece uma longa e sublime análise da brancura como “o agente intensificador das coisas mais apavorantes para a humanidade”, um branco aterrorizante que “obscurece os vazios desalmados e as imensidades do universo”



MOBY DICK SWAM SWIFTLY ROUND AND ROUND THE WRECKED CREW.

Ilustração da caçada final Moby-Dick. IW Taber – Moby-Dick –
edição: Charles Scribner's Sons, New York. 1902. Wikimedia
Commons

Ahab compartilha do horror niilista de Ishmael: seu desejo de atingir a baleia branca é em parte um desejo (como o mesmo diz) de “romper a máscara” de aparência externas, ainda que não haja

“nada além”. Críticos literários encontraram vários outros significados para a baleia branca, como uma imagem de divindade, da supremacia branca, da indiferença da natureza, um “útero com presas”, um falo lacaniano. Em última análise, a baleia é uma cifra que pode abarcar todas essas interpretações e não necessita que se escolha entre elas.

Moby-Dick é uma tentativa trágica, cômica, excêntrica e eletrizante de se conformar com o enigma da existência; para curar a divisão cartesiana de corpo da mente, para se envolver com toda a história de ideias e formas sociopolíticas.

A justaposição de elementos díspares cria uma jornada maior que qualquer narrativa linear poderia oferecer — por isso a maratona anual de leituras no museu da indústria baleeira de New Bedford, onde entusiastas de todo o globo se juntam para ler este grande texto mundial (o que leva aproximadamente trinta horas)

Figuras tão distintas quanto William Faulkner e Barack Obama disseram que este é seu livro favorito. *Moby-Dick* não é a única obra conhecida de Melville (seu conto *Bartleby the Scriviner* (*Bartleby, o escrivão*, 1853) foi descrito como o primeiro *Occupy Wall Street* (*Ocupação Wall Street*, movimento estadunidense de protesto à desigualdade econômica e social), e é certamente o mais celebrado, despontando como um iceberg — ou como a própria grande baleia — das águas da ficção do século 19.

Após mais de 150 anos de sua publicação, os leitores continuam a busca por seu segredo.

Sascha Morrell

Professora de Estudos Literários, Monash University

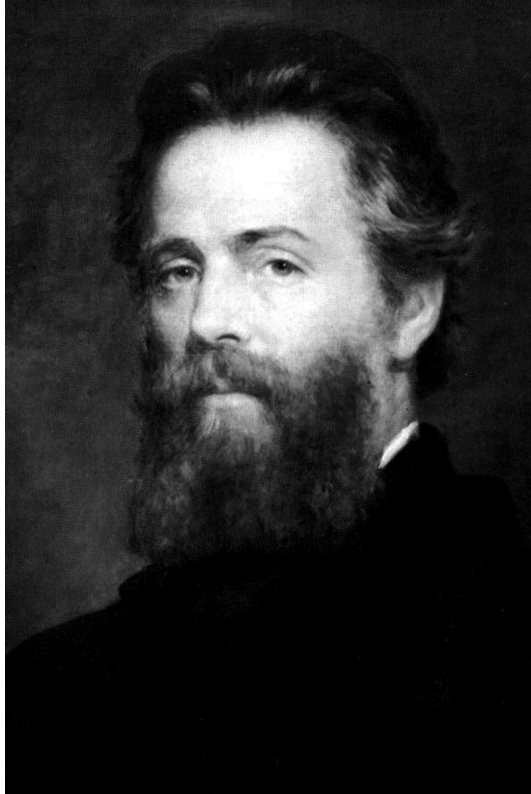
Guide to the classics: Moby-Dick, by Herman Melville

Sascha Morrell

Pick up Herman Melville's Moby-Dick (1851) expecting the story of a mad one-legged captain chasing a white whale and you'll get more than you bargained for. This is a novel that announces itself as the tale of a whaling voyage, and expands from there as if to encompass the whole of existence. Its narrator, Ishmael, admits he is overwhelmed:

Friends, hold my arms! For in the mere act of penning my thoughts of this Leviathan, they weary me, and make me faint with their out-reaching comprehensiveness of sweep, as if to include the whole circle of the sciences, and all the generations of whales, and men, and mastodons, past, present, and to come, with all the revolving panoramas of empire on earth, and throughout the whole universe, not excluding its suburbs.

For Ishmael, everything is connected and “there is no staying in any one place; for at one and the same time everything has to be done everywhere”.



Herman Melville. By Joseph O. Eaton and an unknown etcher
- Library of Congress. Wikimedia Commons

The forward progress of “what there may be of a narrative in this book” is constantly hampered by Ishmael’s need to consider his subject from all angles, addressing the viewpoints of different characters as well as the perspectives of different cultures and branches of learning, together with historical and mythic parallels,

technical details, workplace practices and the philosophical questions these give rise to.

Even in the midst of the final chase that drives the novel to a close with extraordinary momentum, Ishmael cannot resist inserting a footnote to clarify his use of the term “pitchpoling”.

The result is a radically discontinuous, multi-stranded text which insists on its own incompleteness as “but a draft of a draft”. In The Modern Epic (1996), the great literary scholar Franco Moretti contends that novels such as Herman Melville’s *Moby-Dick* and James Joyce’s *Ulysses* have become like:

sacred texts that the modern West has subjected to a lengthy scrutiny, searching in them for its own secret.

But whereas the ancient epic presents the world as a unified and coherent totality, the modern world can only hope to express itself through fragmentation, dialogue, digression and collage.

Moby-Dick’s explosion of narrative conventions was so revolutionary in its time that it perplexed Melville’s contemporaries and passed quickly into obscurity.

“There are evidently two if not three books in *Moby Dick*, rolled into one”, Melville’s mentor Evert Duykinck marveled. Readers wanted more of the relatively straightforward sea-faring adventure that Melville had delivered in his early novels Typee (1846) and Omoo (1847).

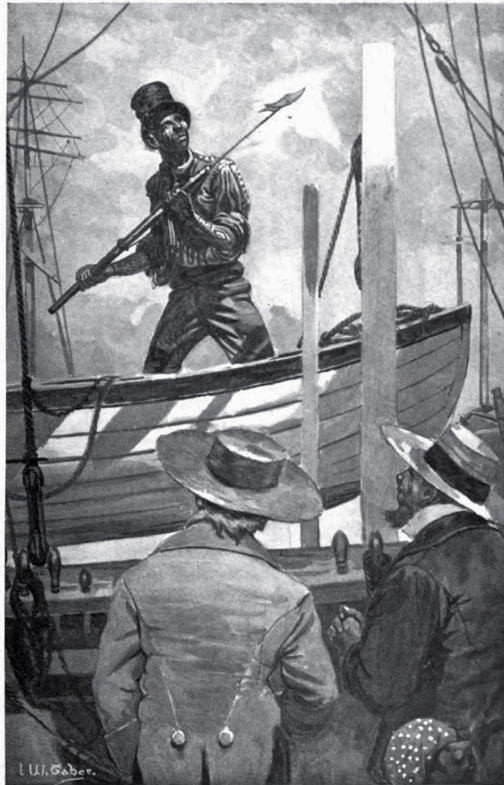
And at first, *Moby-Dick* seems to offer just that.

Although the famous invitation that opens the novel – “Call me Ishmael” – suggests an assumed or even an arbitrary identity, Ishmael initially presents as a more-or-less conventional first-person protagonist, telling how he packed his bag and “started for Cape Horn and the Pacific”.

But through the unlikely bond he forms with a Pacific Islander, Queequeg, Ishmael is liberated from the bounds of his individual perspective, and his cultural and racial biases.

He escapes the prison of interiority, “melting” into Queequeg through a same-sex, mixed-race “marriage” that sets the precedent for the more radical dissolution of Ishmael’s persona that takes place when he joins the Pequod’s crew.

For once the whaling cruise is underway, Ishmael tends to recede from his own narrative, declining to detail his own part in events while impossibly gaining access to a range of viewpoints far exceeding his own, including the private soliloquies of Captain Ahab.



QUEEQUEG AND HIS HARPOON.

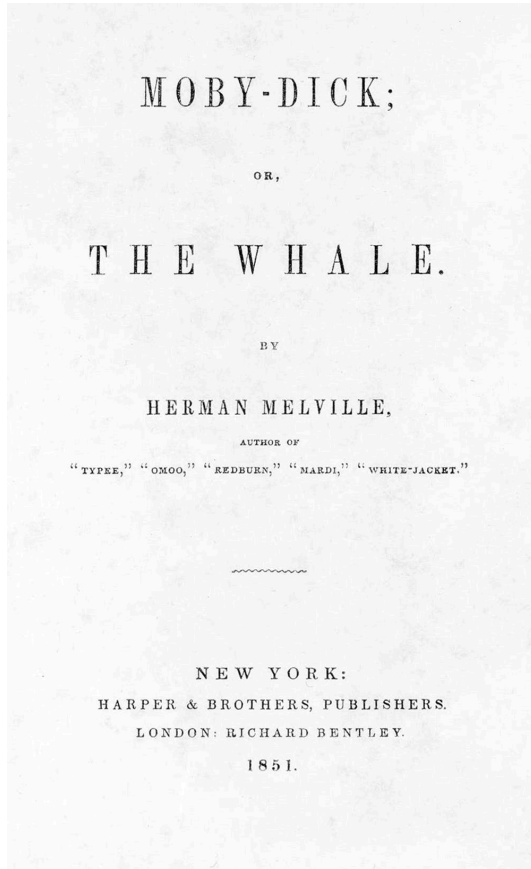
Illustration of Queequeg and his harpoon. IW Taber –
Moby-Dick – edition: Charles Scribner's Sons, New York,
1902. Wikimedia Commons

Ishmael turns out to be less a character than a conduit for other voices and perspectives. This is either a daring experiment in

omniscient first-person narration, or a sign that Ishmael is utterly unreliable.

Other voices take over whole chapters, especially that of Ahab as he thumps the ship's boards like a Lear or Richard III on the Elizabethan stage. As "one in a whole nation's census [...] formed for noble tragedies", Ahab exerts a strong pull on the narrative, but Ishmael is eager to celebrate the "democratic dignity" of the Pequod's multiethnic crew of "mongrel renegades and castaways and cannibals".

The dramatic dialogue form of "Midnight—Forecastle" (Chapter 40) gives space to the voices of different crewmen, singly and in chorus, framed only by minimal "stage directions". Generally, Ishmael declines to distinguish himself from the collective; he is merely "one of that crew" whose "shouts [go] up with the rest".



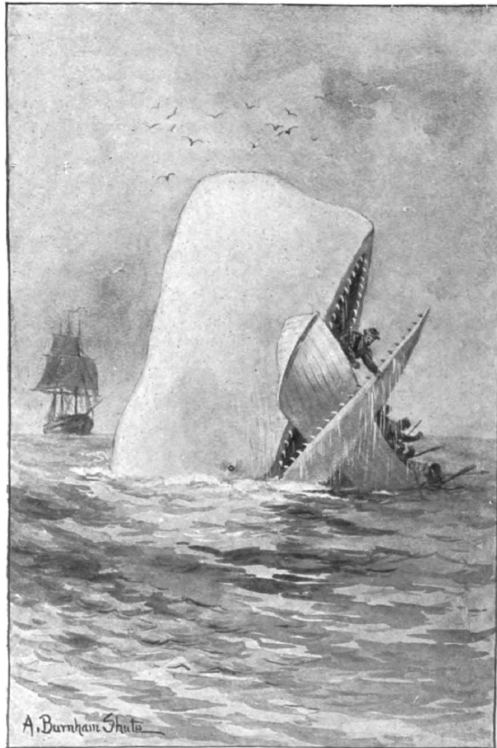
Title page of the first edition of Moby-Dick, 1851. Source: Beinecke Library, Yale University. Wikimedia Commons

He is also democratic in his levelling of all cultures, crediting the Hindu tradition of Vishnu's "ten earthly incarnations", consulting the views of "the highly enlightened Turks" alongside those of

Western authorities, and beginning his history of Nantucket not with European but with American-Indian sources.

But there are limits to the novel's inclusiveness, not least in that women are almost wholly absent. Two very minor female characters briefly appear: a chowder-making landlady and Charity, the prudish sister of one of the ship's owners.

On the other hand, the novel makes numerous appeals to the maternal forces in nature. It also breaks down gender norms and boundaries, from Ishmael's surrender to Queequeg's "bridegroom clasp" to Ahab boasting of his "queenly personality" to the ambiguous mingling of "milk and sperm" in the infamously erotic chapter A Squeeze of the Hand.



"Both jaws, like enormous shears, bit the craft completely in twain."

—Page 510.

Illustration from an early edition of Moby-Dick. A. Burnham Shute - Moby-Dick edition - C. H. Simonds Co. 1892. Wikimedia Commons

Though he recedes as a character, Ishmael's voice remains distinct in meditative passages and in his extended inquiries into the lore and science of whales and whaling. In a series of parodically "encyclopaedic" chapters that coincide with the cutting

up of a whale by the ship's crew, Ishmael presents a breakdown of the whale's body so comprehensive that it not only separates the "skin of the creature" but even "the skin of the skin".

This provides material for inquiries into disciplines as diverse as astronomy, lexicography, economics and jurisprudence. This may sound dry, but so infectious is Ishmael's intellectual energy that chapters featuring such inauspicious titles as The Blanket, Cisterns and Buckets and Of the Less Erroneous Pictures of Whales and the True Pictures of Whaling Scenes can be some of the novel's most engrossing.

At the same time, Ishmael undermines scientific authority by privileging forms of knowledge gained through immediate, hands-on experience:

Ere entering upon the subject of Fossil Whales, I present my credentials as a geologist, by stating that in my miscellaneous time I have been a stone-mason, and also a great digger of ditches, canals, and wells, wine-vaults, cellars, and cisterns of all sorts ...

Unsatisfied with simply giving the comparative dimensions of Sperm and Right Whale's heads, he asks us to actually enter their spaces; to see and touch their surfaces. Incidentally, Melville's life experience had been as "miscellaneous" as Ishmael's; aspects of his extraordinary biography are reimagined in Ron Howard's film In the Heart of the Sea (2015).

Declaring that "there is an aesthetics in all things", Ishmael demands that his reader take interest in such matters as work-tools

and their usage, devoting whole chapters to these matters. With genial bravado, he continually advances the heroic claims of his apparently mundane industrial subject (the “whale fishery”) and appropriates a lofty epic language—as when he proposes to “sing” the “romantic proceeding of decanting off [the] oil into the casks.”

A GLOBAL NARRATIVE

None of this is to say that the novel is lacking in narrative incident. There are feats of superhuman prowess; there is an encounter with a giant squid; there is a typhoon producing pyrotechnic terrors.

Fast-paced action abounds as other whales are chased and caught or lost at great peril (one of the crew, the Native American harpooner Tashtego, nearly drowns inside a sperm whale's head).

There is the tension between Ahab and the first mate Starbuck, who comes close to killing his captain, and the spectacle of Ahab dazzling the crew with his demagoguery.

There are encounters with other ships, including a stirring contest with a German vessel, and the tale-within-a-tale of a mutiny aboard another American whaler, the Town-Ho. And let us not forget, there is voyage round the globe.

A native New Yorker, Melville commences his story in the "isle of the Manhattoes" then takes readers in a "devious zig-zag world circle" across the Atlantic and Indian Oceans via Sumatra and the Sunda Strait, the Java and Chinese Seas, through Japanese waters to a fatal conclusion somewhere along the equator in the South Pacific.

Australia rates a mention, as "that great America on the other side of the sphere", and Sydney as the source of the world's most

treacherous sailors (Melville himself had shipped on the Sydney whaler The Lucy-Ann in 1842). The voyage also yields political allegory, as numerous hints frame the Pequod as a symbolic “ship of state”, with running analogies between the whaling voyage and the United States’ imperial expansion, and various allusions to class conflict and slavery (especially when Ahab briefly forms a bond with the black ship’s boy Pip).

The novel conveys the wild energy of whaling life. A whaleman is “rocked to sleep between billows [...] while under his very pillow rush herds of walruses and whales”. He spends so long at sea that the land starts to smell “strange[r] than the moon would to an Earthman”.

PHYSICAL AND META-PHYSICAL

Melville excels in physical description, and he knows the bodily pleasures of such words as “plunge” and “suck”. He can raise us to giddy heights as Ishmael and Ahab revolve the mysteries of existence, then plunge us back to earth with bawdy humour, as in Chapter 95 when one of the crew wears the skin of a whale’s mighty penis (AKA “the Grandissimus”) as protective clothing.

Extraordinary metaphors and similes collapse the distance between disparate realms, as when Ishmael peeps into a Sperm whale’s head to find:

a really beautiful and chaste-looking mouth! from floor to ceiling, lined, or rather papered with a glistening white membrane, glossy as bridal satins.

Like the metaphysical poets, Ishmael fuses the abstract and the mechanical: “Top-heavy was the ship as a dinnerless student with all Aristotle in his head”, we read in Chapter 110.

VIVID VIOLENCE

Be prepared for violence against nature. To the extent that Melville draws on his own whaling experience, animals were harmed in the making of this book. But though Ishmael is hardly out to “save the whales”, he can be sensitive to animal rights, contending that “the first man that ever murdered an ox” deserved to be “put on his trial by oxen” and that a cannibal is no worse than the “civilized” gourmand who tortures geese to get his *pâté de foie gras*.

He enters into non-human perspectives, imagining “how appalling to the wounded whale” the boats that surround it must appear, though the victim has “no voice” in its “agony of fright”.



One of the oldest known whaling paintings, by Bonaventura Peeters, at The Mariners' Museum. 1645. Wikimedia Commons

The whales in this novel are silent: Melville did not know about whale-song, and in any case sperm whales do not sing, though the music of the prose conveys a sense of their awesome vitality.

The impotence of humankind against the ocean's physical force and destructive capacity is also a constant theme, and Ishmael introduces "archaeological, fossiliferous, and antideluvian points of view" that challenge anthropocentrism itself (fittingly, a recently discovered fossil whale was named *albicetus* – meaning "white whale" – in honour of Moby-Dick).

He even reflects on climate change, gaining "dim, shuddering glimpses into those Polar eternities; when wedged bastions of ice pressed hard upon what are now the Tropics" when contemplating a whale's bones.

ALL ABOUT AHAB

While Ishmael's digressive habits threaten to derail the narrative, Ahab's "fixed and fearless, forward dedication" always steers things back on track. Ahab's desire for vengeance stems from a previous encounter with the white whale in which he lost his leg.

He piled upon the whale's white hump the sum of all the general rage and hate felt by his whole race from Adam down; and then, as if his chest had been a mortar, he burst his hot heart's shell upon it.

Ahab himself admits the insanity of the hunt:

All my means are sane, my motive and my object mad.

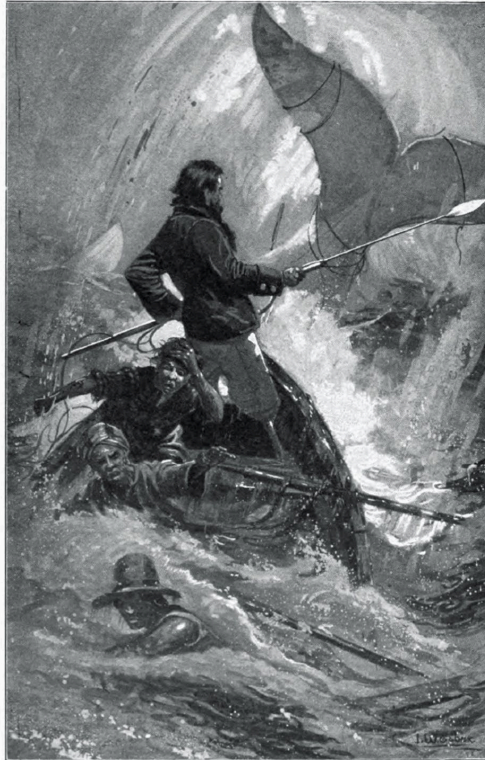
With no regard for the lives of his crew, Ahab is at once an archaic "sea-king" bent on "supernatural revenge" and a modern industry boss whose soul runs on "iron rails" and who views his men as mere "wheels" to his "cogged purpose".

When obstacles arise, he is a master of insults and curses, coining such gems as "The black vomit wrench thee!" But his greatest vitriol is reserved for the white whale itself:

to the last I grapple with thee; from hell's heart I stab at thee; for hate's sake I spit my last breath at thee.

INSIGHT INTO ISHMAEL

What about Ishmael? For him, the horror of the whale lies principally in its whiteness. In “The Whiteness of the Whale” (Chapter 42), Ishmael offers a sublime disquisition on whiteness as “the intensifying agent in things the most appalling to mankind”, a terrifying blank that “shadows forth the heartless voids and immensities of the universe”.



MOBY DICK SWAM SWIFTLY ROUND AND ROUND THE WRECKED CREW.

Illustration of the final chase of Moby-Dick. IW Taber –
Moby-Dick – edition: Charles Scribner's Sons, New York.
1902. Wikimedia Commons

Ahab shares Ishmael's nihilistic dread: his desire to spear the white whale is partly a desire (as he says) to "strike through the mask!" of outward appearances, though there may be "naught

beyond". Literary critics have found various other meanings in the white whale, seeing it variously as an image of divinity, white supremacy, indifferent nature, a "toothed womb", a Lacanian phallus. Ultimately, the whale is a cipher that can bear all these interpretations, and does not require us to choose between them.

Moby-Dick is a tragic, comic, eccentric and electrifying attempt to come to terms with the riddle of existence; to heal the Cartesian splitting of mind from body; to engage with the whole history of ideas and socio-political forms.

The jolting juxtaposition of disparate elements makes for a wilder ride than any linear narrative could offer—hence the annual marathon readings at the New Bedford Whaling Museum, where enthusiasts from around the globe gather to read this great world-text aloud (it takes about thirty hours).

Figures as diverse as William Faulkner and Barack Obama have named it their favourite book. Moby-Dick is not Melville's only well-known work (his novella Bartleby the Scrivener (1853) has been described as "the original Occupy Wall Street") but it is certainly his most celebrated, rising up like an iceberg – or the great white whale itself – from the waters of 19th-century fiction.

More than 150 years after its publication, readers continue to search for its secret.

Sascha Morrell

Guia para os clássicos: Moby-Dick

Folha de rosto

Guia para os clássicos: Moby-Dick

Uma narrativa global

Físico e metafísico

Violência vivida

Tudo sobre Ahab

Visão de Ishmael

Guide to the classics: Moby-Dick, by Herman Melville

A global narrative

Physical and meta-physical

Vivid violence

All about Ahab

Insight into Ishmael

EXPEDIENTE

EXPEDIENTE

INSTITUTO MOJO DE COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL

Presidente: Ricardo Giassetti

Tesoureiro: Alexandre Storari

Diretores: Gabriel Naldi, Larissa Meneghini, Tatiana
Bornato

contato@mojo.org.br

Tradução e edição © 2020 Instituto Mojo de
Comunicação Intercultural

CNPJ: 30.726.775/0001-00

GUIA PARA OS CLÁSSICOS: MOBY DICK

Guia para os clássicos: Moby Dick, de Sascha
Morrell

Publicado originalmente no site The Conversation,
em 2020 [https://theconversation.com/
guide-to-the-classics-moby-dick-by-herman-melville-52000](https://theconversation.com/guide-to-the-classics-moby-dick-by-herman-melville-52000).

Edição bilíngue português-inglês.

Texto integral sem adaptação.

Edição: Adriana Zoudine

Tradução: Ana Luíza Oliveira

Revisão: Ricardo Giassetti

Capa: Foto de Joseph S. Martin, ca. 1870, New
Bedford Whaling Museum

Produção digital: Fernando Ribeiro

Atualize-se sobre novas edições deste e de outros
ebooks ou faça o download para outros sistemas de
e-reading em: <https://mojo.org.br/ebooks/>



O Instituto Mojo de Comunicação Intercultural

é uma iniciativa social, sem fins lucrativos. Para publicar os livros digitais gratuitamente em português, contamos com doações, prestação de serviços editoriais e de tradução, projetos corporativos e institucionais, leis de incentivo e parcerias com o setor público e privado.

Descubra em nosso site todas as modalidades de contribuição. Associe-se, divulgue, leia, conte as histórias.

A reprodução não autorizada desta publicação, em todo ou em parte, fora das permissões do Projeto Domínio ao Público, do Instituto Mojo, constitui violação de direitos autorais (Lei 9.610/98).

Consulte: mojo.org.br/permissoes

Ao encontrar erros de tradução, digitação, contexto e outros, você é bem-vindo a colaborar com o Instituto Mojo. Envie um e-mail com as suas observações para contato@mojo.org.br com o nome do e-book no campo “assunto”. Obrigado!

Copyright (c) 2020 Instituto Mojo de Comunicação
Intercultural (<http://mojo.org.br/ebooks/>), with
Reserved Font Name “Raleway”.

Copyright (c) 2020 Instituto Mojo de Comunicação
Intercultural (<http://mojo.org.br/ebooks/>), with
Reserved Font Name “Crimson Text”.

This Font Software is licensed under the SIL Open
Font License, Version 1.1.

This license is available with a FAQ at:

<http://scripts.sil.org/OFL>